

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

AO PUBLICO, pela Redacção.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Leão XIII e a Encyclica* (conclusão), pelo Conde de Samodães; *De Vianna a Caminha, Palestra sobre os conventos* (continuação), pelo Padre Senna Freitas.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *A geração espontanea*, pelo Padre F. Sanches; *A medicina nos nossos dias* (continuação), por Bernardino J. de Senna Freitas.—SECÇÃO LITTERARIA: *As irmãs da caridade; Thereza de Jesus*, por D. Maria del Pillar Sinnés, tradução do Padre Lima; *A mulher christã* (fragmento d'um livro).—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—ULTIMAS PUBLICAÇÕES, por A. Teixeira.

GUIMARÃES 30 DE OUTUBRO

AO PUBLICO

O *Progresso Catholico* entra hoje na segunda era da sua publicação.

Ha um anno que no alto d'esta folha desfaldamos o pendão da Cruz, á sombra do qual temos combatido, sem treguas nem quartel, os inimigos da Igreja Catholica, e d'esta patria tão nossa, tão querida e tão infeliz.

Um anno de sacrificios iguaes ás nossas forças, um anno de labor honrado, de luctas e de fadigas, é um periodo assás sufficiente para que os louros do triumpho hajam verdecido no surprehendente acolhimento, nas sympathias pronunciadas, nas cooperações francas com que o publico catholico tem recebido e protegido esta publicação. Triumpho tanto mais assignalado quanta é a necessidade de avigorar o espirito popular, abatido pelos impetos da impiedade, e pelas afoitezas e machinações do protestantismo, infelizmente trazido por mãos sacrilegas ao sanctuario augusto das nossas familias.

Viva Deus! A voz da verdade, eloquente em si, tem ainda ecco no coração leal dos filhos não degenerados d'esta terra fidelissima. Dil-o o crescido numero dos nossos assignantes e a boa vontade dos nossos leitores. Affirma-nos a consciencia de jornalistas e de catholicos que não hemos faltado ao nosso programma, não obstante as muitas difficuldades que a cada passo encontramos no posto arriscado e trabalhoso em que estamos.

Agradecemos ao publico a protecção que nos tem dado e esperamos continuar a merecer, desenvolvendo o *Progresso Catholico* á proporção que maiores larguezas possam ter os nossos esforços, sempre inferiores aos nossos bons desejos.

Esse desenvolvimento, que depende maiormente das circumstancias materiaes da nossa folha, temol-o nas mãos dos nossos subscriptores. Que elles busquem ampliar a circulação do *Progresso Catholico*. Assim será protegida a obra santa da propaganda das verdades eternas, em opposição ás conjurações dos inimigos da fé. Pela nossa parte, garantida a existencia material d'esta publicação, não minguará o nosso zelo, desinteressado, perseverante, dedicado, sincero e leal, na manutenção e defesa da nossa bandeira, como soldados obscuros mas fieis, postados de atalaia junto ao templo de Pedro.

Aos nossos collaboradores um estreito aperto de mão; aos nossos collegas da imprensa religiosa e politica expressões sinceras de reconhecimento pela sua boa camaradagem, e pela consideração com que nos honram e distinguem.

A REDACÇÃO.

SECÇÃO RELIGIOSA

Leão XIII e a Encyclica

(Conclusão)

Quando a Escolastica principiou a dominar nas regiões litterarias, o que se fallava e escrevia era apenas um latim barbaro, e nenhuma lingua tinha uma contextura scientifica e original, que desse elementos ao genio, para exprimir as suas concepções. Mas a escola de S. Thomaz d'Aquino, d'Alberto Magno e de S. Boaventura produziu a moderna litteratura, as linguas cultas, as sciencias, as artes, e as instituições que emanciparam os povos e os libertaram da oppressão dos senhores.

Quando é e sob que inspiração foi que appareceram os Dante, os Petrarca, as magnificas cathedraes de França, Inglaterra, Allemanha e Hespanha?

Quando foi que começaram a erguer-se as Universidades, as escolas, os estudos, e finalmente todo o maquinismo da instrução publica?

A philosophia escolastica tem em seu abono a historia de uns poucos de seculos desde o decimo segundo em diante, o quando ella foi substituida por innovações, que se inculcavam mais fecundas, mais proficuas, mais racionais, veio a anarquia esterilizada, que tudo subverte e tem por ultimo termo o scepticismo, porque o materialismo é de toda a maneira impossivel de sustentar-se, por ser repugnante áquelles mesmos, que o propagam, e por bradar constantemente contra elles.

A encyclica de Leão XIII deve considerar-se mais uma obra de um sabio do que uma constituição de um Papa.

Conhecedor da historia da sua patria e da universal, tendo passado a sua vida a meditar sobre os conhecimentos humanos, a dirigir os futuros ministros do altar, o Pontifice, hoje collocado no ponto culminante da escala ecclesiastica e social, falla com a auctoridade do seu eminente cargo, da sua competencia e da sua experiencia.

Não receia a lucta, nem desconfia do resultado. As armas dos adversarios são-

lhe tão conhecidas como as proprias, de que se serve.—Na pessoa do Pontífice e nas dos que o rodeam podem os arrogantes contradictores ter a certeza que encontram interpretes consummados de tudo quanto a sciencia humana tem conseguido descobrir de mais alto, mais alevantado, mais complexo e difficil.

Em questões d'esta ordem, que não são dogmaticas e onde por isso a auctoridade só não basta, não se toca n'aquellas elevadas regiões sem se estar preparado para responder cathogorica e concludentemente a todas as objecções.

E' em verdade agradável para todos quantos tem pelo estudo adquirido a convicção profunda dos immensos serviços prestados pelo Pontificado á civilização, de que estamos presenciando os mimosos fructos, vêr como o inclyto Successor de Pio IX se apresenta circundado d'essa aureola luminosa de sciencia, que o exalta aos olhos dos seus proprios adversarios, e lhe dá um titulo mais de superioridade, que elles não ousam contestar.

Queixavam-se de Pio IX que decretava e impunha preceitos, e diziam que no estado actual das cousas não havia auctoridades para impor-se, mas que só se abaixava a cabeça ante razões e argumentos.

Sua Santidade Leão XIII sem renunciar aos seus direitos auctoritarios, e continuando a usar d'elles, chama a todos para o campo da discussão e não temo medir-se com elles n'esse mesmo terreno.

Os seus escriptos, como Pontífice, tem essa tendencia, e a presente Encyclica é a prova mais inconcussa de que o Santo Padre chama a terreiro todos os que até aqui se pavoneavam ostentosamente como monopolisadores do saber humano.

Não admira pois que no mundo scientifico esse importante documento causasse duradoura impressão, e assim devemos contar com caloroso debate, que terminará depondo mais uma corôa de louros sobre a tiara, symbolo de todas as grandezas.

CONDE DE SAMODÃES.

De Vlanna a Caminha

POLEMICA SOBRE OS CONVENTOS

(Continuação)

P. D'accordo! Mas não se trata agora de erros com visos de verdade, nem

de palavras do genero d'aquellas, das quaes dizia Taleyrand que «não são mais do que a arte de desfigurar o pensamento.» Disse ao meu amigo, e repito que o frade é hoje uma entidade obsoleta, e n'esse sentido ridicula; disse e repito que elle é completamente incompativel com as luzes, e o espirito da civilização moderna.

R. Resta só saber qual d'elles tem razão contra o outro. Estou bem longe de pretender condemnar a civilização moderna, mas se essas luzes fossem luzes de bicos de gaz, e se esse espirito fosse em muita cousa opposto ao espirito do senso commum, da justiça, e da verdadeira liberdade!... Dêmos que não; antes continuo a pedir a V. que me illumine sobre a questão com as explicações do seu allumiado espirito. Não vejo em que se dê a tal incompatibilidade absoluta de que V. me fallava ha pouco.

P. Por amor de Deus! Vê-o tão bem, ou melhor do que eu. Pois não sabe que a legislação liberal, e o progresso do seculo XIX não supporta mais o aleijão dos morgados, dos bens de mão morta, dos privilegios odiosos, e dos usufructos sem trabalho algum, só proprios para fomentar o ocio? Ora, que eram os conventos senão isso pouco mais ou menos? Lucro sem suor, colheita sem sementeira, rosas sem espinhos. O frade usufruia sem trabalho algum os pingues legados dos fieis, e dos que algum companheiro fazia ao mosteiro por occasião da sua entrada. O claustro tornava-se uma segunda terra da promissão *fluente lac et mel*. Parece-lhe isto razoavel?

R. Se não me engano, o amigo disse-me em tempo que possuia uma propriedade em Moncorvo. Na de Barrosas, que tambem lhe pertence, já estivemos juntos; recorda-se? por tal signal que passamos lá um dia de brodio, como não me lembro de ter passado outro depois. Ora diga-me uma cousa; por sua morte para quem ficarão essas propriedades? Penso que para os seus tres filhos...

P. E' provavel...

R. Porém... se me permite... entendendo que não deveria ser assim, segundo os principios expendidos por V. São bens, que por fallecimento de V. dão a seus filhos o usufructo de uma cousa que não adquiriram por seu proprio trabalho. Ahi temos a colheita sem sementeira.

P. Sim, mas...

R. Mas? Não ha disparidade alguma nos dous casos. Ou os seus filhos não podem herdar o que V. lhes legar em testamento, ou eu não logro attingir porque o não possa o frade. O trabalho é um titulo sagrado de posse, mas tambem o é a doação *inter vivos* e *causa mortis*, com perdão da minha termino-

logia juridica, que só posso empregar com risco diante de V.

P. Venha cá, venha cá: meus filhos não fizeram nem pretendem fazer voto de pobreza, como o fazia o religioso. A paridade acha-se, não se improvisa. O que sei dizer-lhe, é que a riqueza de certas ordens religiosas eram um escandalo.

R. Por isso o governo quiz supprimir o por outro escandalo maior e mais real, esbulhando o religioso do ultimo traste da sua cella, como o salteador esbulha o transcunte inoffensivo, levando-lhe a bolsa, o relógio, e o fato; deixando-o nú na estrada, e quando muito, atirando-lhe com um pataco falso, para elle se calar.

P. Deixe-me vêr o pulso, amigo.

R. Ah, ah; soeegue, doutor; bate sessenta pulsações como o seu.

P. Não vamos a divertir a questão do seu terreno. Ponhamos de banda esse acto do governo, que aliás podia sustentar-se á face do direito...

R. De Sparta!

P. E reconheça ao menos V. commigo que a riqueza do frade era um escandalo.

R. E a pobreza d'elle um exemplo sublime de abnegação. Seria em Portugal maior o numero dos conventos ricos que o dos pobres, ou remediados? O amigo não ousará por certo affirmar-lhe, porque lhe não deixaria passar a affirmação, sem pagar os direitos de prova. Se n'alguns mosteiros dominava entre nós a ambição (o que não quero negar), sou eu o primeiro a condemnal-o, e a achal-o inteiramente destoante do espirito dos seus fundadores. Isso, porém, que era? Era um abuso, um desregramento parcial, que nada colhe contra a bondade da instituição em si. Não lhe parece que tal abuso podia ser eliminado por outro systema revulsivo, sem ser o da arrancada, e o do arrazamento? Ou aliás...

P. Aliás?

R. Sim, aliás dê-se em terra com o systema constitucional, porque alguns ministros tem abusado horriavelmente da sua posição; supprima-se o exercito, porque certos generaes tem sido traidores á patria; e se quer exemplo mais do pé da porta, fechem-se os açougues em punição dos gastronomos, por...

P. Menos isso! Voto pelo marchante.

R. E eu pelo marchante, e... pelas victimas.

P. Do açogue? O seu voto é contradictorio.

R. Não; da intolerancia. Demais, é necessario não perder de vista que o individuo não é o corpo moral, de que faz parte. O frade fez voto de pobreza, mas o convento não o fez. O primeiro nada podia possuir como proprio, não tinha o dominio absoluto de cousa al-

guna, nem sequer a propriedade de dous réis ou de um decimetro quadrado de terra, mas a comunidade podia possuir. Assim, provendo á subsistencia dos seus membros, ás vezes em extremo numerosos, ao desenvolvimento futuro que o convento attingisse, e ao exercicio das obras que, segundo a indole de cada instituto, se deviam executar, a comunidade podia com certeza aceitar os donativos que os fieis *espontaneamente* lhe faziam. Não sei que haja alguma lei que prohiba, ou possa prohibir este acto, ou que a elle se oppoñam os principios da aurea civilisação dos nossos dias.

P. A fallar a verdade, essa sua ultima observação tem seu *quê* de razoavel, que até agora me escapara. Como quer que seja, sinto devéras que V. faça tanta despeza de bom senso em favor d'uma causa infeliz, e perdida (tenha paciencia) para todo o sempre. Vá lá. Concedamos que o convento possa ser equiparado a uma familia ou a uma associação qualquer, em quanto ao direito de possuir.

Mas o que não posso levar a bem, o que me fez ir aos quintos, é que o frade, pelo facto do seu ingresso no claustro, se roube á sociedade, o que ninguém tem o direito de fazer. A entrada de um homem n'uma clausura é um latrocínio, e o mais grave de todos, porque é o de uma intelligencia e o de uma liberdade. Equivale a uma amputação violenta. «Euclausuração, castração,» diz Victor Hugo. Existe entre o cidadão e a sociedade uma especie de commutação de serviços; d'ella recebe o cidadão a instrução litteraria, e a educação moral, mas depois tem que lhe pagar por seu turno estes serviços com os seus proprios. Chegada a epocha em que estava já apto para fazel-o, o frade falta ao que a sociedade esperava d'elle, mette-se no claustro, foge para o isolamento, como um transfuga da civilisação, e fecha a porta por dentro. Esse homem é ás vezes uma grande aptidão, um talento de primeira plana, que podia... que podia o que? vir a tornar-se talvez um novo Colombo d'algum novo mundo scientifico, e ser inscripto na lista dos benemeritos da sua patria e da humanidade. Mas, ainda mal, prefere metter a luz «debaixo do alqueire.» Nem a liberdade nem a civilisação podem tolerar este proceder desleal, que se parece com uma fraude de contracto. Foge para...

R. Uma palavra!...

P. Perdão: foge para o convento, disse eu, e para que? para condemnar-se voluntariamente á immobilidade estatica do fakir indiano em que a liberdade desapparece na visão imaginaria; para fazer do corpo, este companheiro amigo da alma, um reu sentenciado á

pena ultima n'um martyrio, lento mas horrivel, de cilicios, de pontas de aço e de disciplinas de estrellas de ferro. V. não terá por certo o mau gosto de desconvir em que o romancista Victor Hugo é no seculo XIX o philosopho da litteratura, e o eminente litterato da philosophia...

R. O romance n'uma questão social e religiosa?

(Continúa).

P.º SENNA FREITAS.

SECÇÃO SCIENTIFICA

A geração espontanea

Fez-se a luz. A humanidade depois de longas e dolorosas evoluções em harmonia com a lei do progresso, depois de ter passado «pelo estado theologico ou ficticio e pelo estado metaphisico ou abstracto, como diz A. Conte, chegou finalmente á idade adulta, em que se estabelece definitivamente o estado scientifico ou positivo».

O homem deu um passo gigante no caminho da sua perfectibilidade; mais algum tempo e elle verá de novo a celebrada idade de ouro tão decantada e sentida pelos antigos poetas.

O seculo XIX, seculo do vapor e da electricidade, tem sido feracissimo em evoluções progressivas; a sua maior gloria, porém, está em ter espancado as espessas trevas que obscureciam os seculos passados.

Copernico, Kepler, Galileu, Leibnitz e Newton, Descartes, Pascal, Linnæu, Lavoisier e Cuvier, intelligencias privilegiadas que por muito tempo deram as leis á sciencia, afundiram-se na noite dos tempos para darem lugar a uma nova secção da massa encephalica.

O facto da espontaneidade da materia veio substituir o dogma da criação intelligente e voluntaria, verdade esta professada e acreditada por genios de primeira plana, mas com uma ingenuidade que causa dó.

Se não quizermos passar por espiritos fracos e antipodas da idcia novissima, (que já era velha no tempo de Lucecicio), devemos sentar-nos ao banquete da nova escola, na qual estão filiados todos os livres pensadores da moderna geração.

E primeiro que tudo estabeleçamos o seu lemma fundamental: «Só os factos da experiencia tem valor, por que fóra da realidade não ha mais que idealisações e chimeras.»

Assim se exprime um dos mais de-

nodados e auctorisados campeões do positivismo.

Creio que Littré não levará a mal por vêr o seu nome associado ao do celebre materialista allemão, Buchner; pois ainda que as doutrinas positivistas diffiram das materialistas sobre alguns pontos, sobre muitos outros ha perfeita communhão de ideias, como muito bem observa o distincto philosopho Caro.

E como não succeder assim, se ambas são fructos da mesma arvore, a razão independente? Se de mãos dadas naturalistas e positivistas negam o sobrenatural? E porque? Porque se não apalpa. «O naturalista, diz Buchner, só conhece corpos e propriedades corporeas; o que está além chama-se transcendente, e o que é transcendente considera-se como um desvario do espirito humano.»

Pois bem, já que assim o querem, será só no campo da observação, com os dados que nos fornecer a experiencia, que avaliaremos a *ultima palavra da sciencia* sobre a origem da vida sobre a terra. Mas ouçamos primeiro um hierophante da nova escola explicando-nos este phenomeno:

«No começo do periodo da terra, chamado *laurentino* pelos geologos, e do encontro fortuito de alguns elementos, o carbone, o oxigenio, o hydrogenio e o azote, em condições que provavelmente só então se deram, formaram-se os primeiros grumos albuminoides.

A expensas suas e por via de geração espontanea crearam-se as primeiras cellulas, as monéras. Estas cellulas desde logo se segmentam, multiplicam-se, formam os orgãos e chegam por uma serie de transformações, que Haeckel fixa em nove, a dar nascimento a alguns vertebrados do genero do *amphioxus lanceolatus*».

Como a vossa sciencia não admittre conjecturas e tem só por fundamento factos devidamente comprovados pela experiencia, por que fóra da observação dos sentidos só existem chimeras, e explicando vós o principio da vida como um facto meramente natural, proveniente das combinações organicas do carbone com o oxigenio, hydrogenio e azote, é porque podestes submeter esses elementos a uma elaboração, que vos deu em resultado o que affirmaes.

Nós, mais felizes do que Archimedes, que nunca viu realisados os seus desejos de mover o mundo por falta de uma alavanca e d'um ponto de apoio no espaço, aqui temos os quatro elementos de que precisamos para formar a cellula, e se estes nos não bastarem, a chimica fornece-nos mais sessenta e dois corpos simples de que podemos dispôr.

Collocai agora esses elementos nas condições que melhor vos approuver, manipulai-os e combinai-os de mil mo-

dos, fazei-os passar por quantas experiencias o vosso cerebro vos suggerir o se ao fim de tanto labutar me apresentardes uma cellula com principio de vida, tereis resolvido o problema, unica soluçào em harmonia com a vossa sciencia positiva.

Quaes os factos, porém, em que estes sabios se estribam para explicar o principio da vida? Nenhuns.

Quaes as observaçõs que com plausibilidade podem servir de prova á asserçào? Nenhumas.

Pois os elementos que vos forneceo a chimica, não são os mesmos que reconheceis nos corpos organisados? A natureza perdeu por ventura a sua força creadora? As leis da materia sofreram alguma modificação essencial?

Quem vol-o revelou, que dados tendes para o afirmar? Nenhuns.

A influencia dos meios, as condições primordiais do nosso globo, o poder creador da materia, o atomo absoluto e a materia organica, eis as palavras bombasticas com que encapotaes a vossa ignorancia ácerca do principio vital.

«Para estabelecer a lei universal da vida vegetal, animal e humana, uma experiencia lhes bastou, que tollos vós podeis pôr em pratica, diz o grande orador de Notre Dame, Padre Felix. Tomai, dizem, um frasco de agua pura —desculpai esta particularidade—exponde-a á luz e no fim de algum tempo descobrireis ali o signal da vida que vegeta e o signal da vida que se move.

Inutil é submeter á mesma prova todo o reino animal e vegetal, por que quem pode negar que este frasco, que encerra a vida, demonstra por si só a lei universal e evidente da geração espontanea?

Não sei se os grandes talentos, que ensinam estas puerilidades graves, podem olhar uns para os outros sem se rirem; sei, porém, perfeitamente que esta explicação das aparições da vida é tão digna de riso como os vaticinios dos augures, fazendo sahir os acontecimentos das entranchas das victimas.» Na verdade a sciencia demonstra hoje á ultima evidencia que a vida em parte alguma é o producto d'uma geração espontanea.

Não ha um exemplo, um unico, scientificamente comprovado, que venha em apoio d'esta theoria.

Todos os seres se propagam pelo concurso d'outros da mesma especie.

Eis a grande verdade, unica positiva, filha da observação, confirmada pela experiencia e demonstrada pelas investigações e conscienciosos estudos dos mais abalisados representantes da sciencia hodierna. Depois que M. Pasteur forçou o ultimo entrincheiramento a que se tinham refugiado os sectarios da geração espontanea, tendo sido o seu veredi-

ctum plenamente aceite pela Academia das sciencias de Pariz; depois que provou á sociedade que o mundo dos infinitamente pequenos, *monadas*, *bacteriums* e *vibrions* e todas as especies de protozoarios, estavam sujeitos ás mesmas leis que os animaes da escala superior, a conclusào verdadeiramente scientifica e unica a que a sciencia experimental pode chegar é que a vida só pode ser produzida pela vida.

«Que ha de mais absurdo do que imaginar que um corpo organico, diz Flourens, cujas partes tem entre si uma connexão, uma correlação tão admiravel e sabiamente calculada, possa ser producto d'um fortuito ajuntamento de elementos physicos? O corpo organico receberia a vida de elementos desprovidos d'ella! O movimento seria producto da inercia, a vida da morte!»

Costumam, porém, objectar. Em épocas remotissimas, quando a vida se manifestou sobre a terra, a natureza era dotada d'uma potencia creadora, que perdeu com o andar dos tempos. As escavações que se tem feito, patenteando-nos as entranchas da terra, mostram-nos uma exuberancia de vida, que hoje se desconhece.

Fetos, algas, *mamuths* e *megatheriums*, animaes e plantas de formas collossacs, sumiram-se nas profundezas do globo para darem lugar a novas especies de proporções acanhadas e rachiticas.

D'onde concluem, que a terra passou por uma transformação, perdendo o principio vital de que era dotada. Será M. Chevreul, uma das maiores auctoridades nas sciencias physico-chimicas, que pulverisará esta objecção.

«Se facilmente se reconhece na constituição chimica do globo, épocas em que as forças da materia actuaram na atmosphera e na crusta terrestre com mais intensidade que hoje, do modo que vastas cadeias de montanhas se sollevantaram e grandes cataclysmos, cavando profundos valles, mudaram a superficie das planicies, não succedeu o mesmo com relação ao desenvolvimento da vida; porque a composição chimica dos corpos vivos não soffre nem um intenso calor, nem uma forte electricidade, antes cede a estas forças simplificando-se, isto é, decompondo-se.

Os compostos produzidos sob a influencia da vida são geralmente mais complexos que os da natureza inorganica; a sua estabilidade é menor e a sua formação muito lenta.

N'este estado de cousas é necessario explicar a seguinte contradicção:

Como é que esta natureza seria poderosa para engendrar a vida e impotente para a aniquilar? Essa intensidade extraordinaria de forças que admitis é precisamente incompativel com a composição chimica dos productos vi-

vos; pois tel-os-hia infallivelmente alterado e destruido.»

«O organismo uma vez creado, diz por sua vez o celebre Claude Bernard, é machina que funciona necessariamente em virtude das propriedades physicas e chimicas de seus elementos constitutivos; mas o que a sciencia positiva não explica, nem explicará jamais, é a origem e o *como* d'este organismo. E' este um problema que a materia bruta, reduzida a si mesma e a suas propriedades, não resolve.»

E na verdade, se as forças physico-chimicas da materia são a origem da vida n'um organismo, como é que este morre permanecendo aquellas?

A vida, pois, não é uma resultante das forças e propriedades dos corpos brutos em circumstancias dadas; precede o desenvolvimento do organismo, o qual só por ella se explica. Eis aqui, diz o philosopho Caro, o começo da vida posto fóra da serie dos phenomenos naturacs.

Ouçamos no entanto o insuspeito Flammarion:

Apezar da sua fogosa peroração, estes Mirabeaux da tribuna positivista estão n'uma ignorancia e n'uma indecisão absolutas ácerca da origem da vida. Em vão lançam sobre este mysterio o véo do *talvez*; em vão se exercitam em formular mil hypotheses; porque quando se observa o fundo do vaso, a lucidez não é tão clara como se suppunha.

De tempos a tempos e quasi sem darem por isso, fazem confissões, que nos seja permittido referir aqui para edificação dos leitores.

«A origem primaria da materia terrestre, diz B. Cotta, bem como a origem primaria dos primeiros seres organicos, é um enigma insolvel, que nos força a appellar para o poder impene-travel d'um creador.»

Eis uma confissão digna d'um espiritualista.

«A geração espontanea, diz pela sua parte Buchner, teve maior acção nos tempos primitivos, do que em nossos dias, e não se pode negar que desse n'essa época existencia a organismos mais perfeitos.»

Logo em seguida accrescenta:

«E' verdade que nos faltam provas e mesmo conjecturas plausiveis do modo d'estas relações e nós estamos bem longe de o negar.»

Voltando, porém, á sua ideia dominante, declara immediatamente «qualquer que seja a nossa ignorancia, nós diremos com certeza que a creação organica pode e deve ter lugar sem a intervenção d'uma força exterior.»

Este titubear faz pena.

O que se collige é que a base em que assenta o vosso systema materialista e positivista é apenas uma asserção gra-

tuita, semelhante a esses castellos de nuvens que por algum tempo assoberbam a terra, mas que uma simples aragem desmantela e dispersa.

Quaes são, pois, em conclusão, os dados que nos fornece a sciencia? Houve uma época em que a vida era impossivel sobre a terra; massa informe e inorganica não existia sobre ella um unico ser. A natureza é incapaz pelas suas forças de crear um organismo e insuflar n'elle o principio da vida.

A illação logica e intuitiva que d'aqui se tira é que existiu fóra da natureza e mais poderosa do que ella, uma causa creadora de todas as especies de animaes e vegetaes. A esta causa viva (denominai-a vós como enterlerdes) nós costumamos chamar-lhe Deus.

P.º F. SANCHES.

A MEDICINA

NOS NOSSOS DIAS

IV

O que é o systema hahnemanniano? A ignorancia dos seus dogmas, a falta das luzes da sua experimentação é que se devem as repugnancias com que a escola official se obstina em o condemnar sem criterio, e em lhe fugir sem consciencia.

Ouvem-se os medicos da escola tradicional, até mesmo na cadeira do professorado, dissertar sobre a homœopathia, repetindo os lugares mais communs dos dictionaristas; depois de a fulminarem, pergunta-se-lhes: «que haveis lido dos grandes homœopathas; que obras haveis meditado?»

A resposta é sempre a de um desprezo imbecil: «não gasto o tempo com isso!»

Littre e Robin não fizeram mais para escreverem o juizo sobre a reforma de Hahnemann no seu grande *Dictionario de Medicina*. Escreveram como fallam os impugnadores da homœopathia—«sem gastar tempo com isso;» por que da homœopathia nem chegam a estar habilitados com a sciencia bibliographica de qualquer livreiro!

O publico porém é menos superficial, pois que lhe interessa, pela conservação individual, pela dedicação da familia, pelo amor do proximo, saber o que se passa pelas elevadas regiões da sciencia, onde por uma confiança illimitada e absurda se dispõe da vida e da saúde de todos.

A homœopathia assenta os seus dogmas no principio de que a vida do ho-

mem é apenas comparada á vida do homem, e que o estado do organismo, dependendo unicamente do da vida que o anima, soffre a modificação a que se chama doença, não por um effeito chimico, phisico ou mechanico, mas pelo resultado de uma alteração do modo vivente, isto é, por uma transformação dinamica, uma especie de nova existencia, cujas consequencias são a mudança nas propriedades dos principios constituintes materiaes do corpo; do que resulta evidentemente que as doenças do homem, produzidas pela influencia dinamica e virtual de causas morbidas, não são originariamente mais do que modificações dynamicas, e, por assim dizer, espirituaes do caracter vital do nosso organismo.

Ora sendo as alterações dynamicas do caracter vital do organismo do homem mudanças de sentir e de obrar, do nenhum modo se manifestam senão por uma aggregação de symptomas, unica maneira como podem chegar ao nosso conhecimento.

Invocar simples conjecturas ou hypotheses sem base, sem provas, para diagnosticar uma doença, como faz muitas vezes a escola official, é no modo de vér de Hahnemann, e de todos os espiritos imparciaes, um attentado contra a humanidade, cuja vida fica sujeita aos erros dos medicos e aos caprichos das escolas. A unica manifestação que não escapa aos nossos sentidos é a dos symptomas, phisica e moralmente apreciaveis: é pois a elles, sem desprezo das causas originarias, que se dirige toda a medicação hahnemanniana, pela similitude dos agentes therapeuticos, cujos symptomas sejam iguaes aos da doença, pois que extintas todas as manifestações morbidas, o que fica é a saúde.

Nada mais racional e monos pretencioso.

Não ha na natureza nenhum agente nem força capaz de affectar morbidamente o homem são, que não tenha ao mesmo tempo o poder de curar certos estados morbidos.

Não ha meio mais claro para conhecer a potencia curativa dos medicamentos, do que estudar do modo mais completo os phenomenos e symptomas morbidos que elles occasionam no homem são. Conhecidos que sejam, a escolha do agente curativo será precisamente a d'aquelle que produzir mais semelhante e em maior numero os symptomas e phenomenos, que se observam na doença.

Os resultados d'esta doutrina são o equilibrio da força morbida com a força medicatriz. Equilibrio que até com as mathematicas é demonstrado por Trippier, quando observa a exactidão da lei therapeutica homœopathica.

Temos pois que a noção do dynamis-

mo é o principio fundamental mais philosophico da homœopathia, como da reforma da medicina é base a lei dos semelhantes.

Esta lei não teve origem no cerebro illuminado de Hahnemann. E' um principio tão antigo como a medicina; era porém tão vago, que nenhum homem antes de Hahnemann o teve senão como mero presentimento do uma verdade crepuscular. Boulduc, Bertholon, Thoury Starck e muitos outros o previam nas suas duvidas pela lei dos *contrarios*. Trastus, Paracelso, Linco, Franck, San Gregorio e outros affirmaram que as doenças se curam pelos semelhantes, e muitos casos morbidos se apontam na antiguidade, curados por este systema. Só á ignorancia se pôde pois attribuir o espanto e o ridiculo com que a escola tradicional hoje ouve fallar da lei dos semelhantes.

Um distincto medico allopatha, o Dr. Saurel, como excepção, dizia em um artigo da *Revista therapeutica do Meio Dia de França*:

«A nossa incredulidade não é sobre o principio dos semelhantes, que *consideramos racional* e de frequente applicação, e *admittimos* sem difficuldade que a maior parte das doenças se pôde curar pelos remedios d'acção homœopathica; o que porém não podemos admittir são as *doses infinitesimales*, cujo modo de operar não concebemos.»

Logo: a base da reforma de Hahnemann é uma verdade reconhecida e confessada; e a repugnancia da antiga escola está limitada ás formulas, *porque as não comprehende*.

Se a escola official tem razão n'isto, devemos julgar que não existe o que é impalpavel ou invisivel a olho nú, e n'este caso mente o microscopio!

Não se chegaria a tal absurdo se Saurel houvesse estudado as obras de Hahnemann, ou o que de mais importante se tem escripto sobre a homœopathia.

E' necessario notar que a base physiologica da reforma é a lei dos *similhanes* e o dynamismo vital, e não a questão secundaria das doses infinitesimales. Com quanto assim seja, o espirito de Hahnemann, tendo alcançado pela experimentação a firmeza dos principios fundamentaes, não podia deixar de alongar o seu estudo profundo á questão das doses, pois que, segundo a sua maior ou menor potencia medicamentosa variam os effeitos que os agentes therapeuticos produzem no organismo. Sem essa regra fixa, determinada pelo estudo experimental, seria fallivel todo o estudo pathogenesico, o que annullaria por sem duvida em grande parte as vantagens mais importantes da homœopathia, e chegaria até a pôr em duvida os seus dogmas.

Hahnemann comprehendeu que sen-

do a vida uma força que na enfermidade é affectada pelo dynamismo das causas morbosas, para restabelecer a sua harmonia é mister que sobre ella actue o dynamismo medicamentoso.

Pelo estudo feito do dynamismo todos sabem que não existe na natureza corpo algum, cujas moleculas integrantes não estejam separadas por um fluido, que estabelece a força de coesão ou de afinidade, e que ao mesmo tempo polarise os atomos de cada um dos corpos. Quanto maior for a divisão das moleculas tanto maior liberdade terá esse fluido que as acompanha sempre, e cuja propriedade diffusivel faz que dilatando-se communique a sua essencia ao vehiculo em que se diluem ou dilatam as moleculas do corpo a que pertence. Ora, como é esse fluido que constitue a essencia e a virtualidade de todos os medicamentos, esta desenvolve-se e liberta-se com a separação atomistica que o corpo sofre.

D'aqui uma actividade superior á das doses maciças, pela maior facilidade da absorção medicamentosa.

Partindo de taes principios, as numerosas observações de Hahnemann deram-lhe a convicção sobejamente fundamentada de que os processos pharmacodynamicos desenvolvem a virtude curativa das substancias medicinas; bem como que algumas substancias que no seu estado natural não tem acção sobre o organismo, submettidas a diluições ou a triturações, adquirem incontestaveis condições medicamentosas. Em harmonia com taes factos foi que Hahnemann concebeu a utilidade das altas diluições em muitos medicamentos, que, só depois de despertado o seu dynamismo, desenvolvem a sua maior actividade medicamentosa.

Estes factos assás comprovados dão superabundante convencimento da verdade, embora possam soffrer objecção parte das hypotheses chemicas em que assentam as experimentações; alem de que contra as experiencias multiplices e acordes se não podem oppôr razões de nenhuma ordem, fundadas nos imperfeitos conhecimentos da criação.

Humboldt dizia que desconhecemos o maior numero das propriedades da materia, e que estão por descobrir series inteiras de phenomenos dependentes de forças, de que não temos ainda idea alguma.

Direi com Arago: «aonde iriamos parar, se houvessemos de negar tudo quanto se não presta á nossa explicação?»

Será por que os tradicionalistas desajam absolutamente explicadas as theorias das doses infinitesimales, que repudiam a homœopathia? Então como concebem o apego ás suas formulas therapeuticas, das quaes não houve ainda

quem desse explicação alguma cabal e precisa? Em toda a pharmacologia allopathica, quaes são os agentes que hajam soffrido, por parte da sciencia official, um estudo pathogenesico completo, que explique de um modo satisfatorio toda a esphera d'acção das doses maciças, e affirme a verdade da lei dos contrarios?

Apostrophava o Dr. Parseval: «Materialistas orgulhosos, quereis fazer do vosso entendimento a medida de toda a criação!» Eu direi: quereis fazer da vossa insciencia uma lei tyranica!

Se as theorias podem não ser exactas, não pode haver duvida sobre os factos.

Refere Magendie que tocou com a extremidade de um tubo de vidro, humido de acido prussico, na lingua de um cão, e que este cahiu morto no mesmo instante, como fulminado por um raio. Bem infinitesimal seria a dose absorvida, a qual affectou rapidamente todo o organismo com a sua acção toxica! Por que ha-de pois haver duvida de que sendo apenas medicamentosa a acção de uma substancia o organismo a não absorva com a mesma facilidade, tornada subtilissima pelas operações chemicas?

Temos, por exemplo, menos activo do que o acido prussico o virus syphilitico, o rabifico, o da pustula maligna, o da vaccina. Veja-se que quantidade infinitesimal pode produzir uma perturbação no organismo, perturbação duradoura e muitas vezes inextinguivel!

Alguem duvidará de que a vacina extrahida do braço de uma criança, e dynamizada de corpo em corpo, pode produzir os seus effeitos em toda a humanidade?

Ainda menos activa e mais infinitesimal é a porção de materia subtil que se absorve pelo contagio da febre typhoide, das bexigas, do cholera e de outras enfermidades, que se transmitem pelo grande vehiculo da atmosphera, só por que o pulmão chegou a respirar uma vez dentro da alcova de um doente, e, o que é ainda mais notavel, ao ar livre, nas proximidades da casa que o enfermo habita.

Que quantidade de materia miasmatica pode conter uma carta vinda de paiz infeccionado de febre amarella, para ser necessario expurgal-a com fumegações para que não transmita o mal que pode conter, pela viciação de todo o ar atmosferico em leguas de extensão? Pois não se procede a taes precauções por que a sciencia official admite o dynamismo da materia morbosa operada no vehiculo ar? Calcule algum se pode, que proporção ha entre a quantidade infinitesimal do miasma que se divide, e a porção grandemente incalculavel de vehiculo em que esse miasma é dividido!

Que differença, em doutrina, ha na divisão da potencia mortosa julgada productiva, para se não comprehender a potencia da divisão medicamentosa das diluições homœopathicas?

Se a materia pode em tão inapreciavel gráo de divisão modificar o organismo, fazendo do corpo são um corpo enfermo, deve-se crer que no mesmo gráo de divisão as substancias medicamentosas podem produzir a saude no organismo enfermo; e muito mais por que a força vital tende sempre a conservar o typo normal da especie e do individuo, e por conseguinte resiste ás causas morbosas, e encontra nos medicamentos agentes que lhe são sympathicos.

O Dr. Recamier, da escola tradicional, mas mais estudioso e menos faccioso do que outros, acreditava que todos os medicamentos deviam a sua actividade e sua efficacia aos agentes imponderaveis, não sendo a parte material outra cousa mais do que o conductor d'esses agentes ou fluidos.

A theoria do illustre allopatha está inteiramente em harmonia com os principios professados pelos homœopathas, e completa o triumpho da homœopathia confessada pelo Dr. Saurel. São dois grandes espiritos que se auxiliam, um em nome da sciencia antiga submettendo-se á verdade da lei dos semelhantes, outro filho distincto da mesma escola defendendo e demonstrando a potencia das doses infinitesimales.

Assim são destruidos os preconceitos dos inimigos do novo systema. E' todavia um erro crer que a homœopathia exclue em absoluto as doses ponderaveis.

Posto que na maioria dos casos morbosos, nomeadamente nos chronicos, a experiencia tem mostrado a grande vantagem das doses infinitesimales, ha muitos casos, principalmente agudos, em que as baixas atenuações, e mesmo as substancias puras são preferiveis.

Os estudos mais modernos e mais imparciaes tem assentado estas regras, que se não oppõem nem repugnam á lei dos semelhantes. Sobre este particular se está actualmente occupando com assiduidade a Academia Homœopathica de Paris, ainda que não seja isto, como não é, uma modificação das doutrinas de Hahnemann, perfilhadas inteiramente por todos os seus discipulos.

Um d'estes, o Doutor F. Hartmann na sua obra—*Therapeutica homœopathica das doenças agudas e das doenças chronicas*, referindo-se á applicação do *ferrum* na chlorose, já opinava pelas doses maciças, mesmo nos casos mais intensos e mais antigos; embora diga que são raros os ensejos em que se é obrigado a empregar homœopathicamente as doses fortes.

Seria absurda a designação absoluta

das doses. E' ao medico e só a elle que pertence a sua escolha, por quanto ellas só se podem com justeza determinar pelo perfeito conhecimento das forças do remedio, combinadas com o estado da doença e as circumstancias phisicas e moraes do enfermo, o que é variavel de individuo para individuo, como de substancia para substancia.

Ora sendo isto clarissimo, o que resta para a acceitação geral da homœopatia?

Que os homens imparciaes e rasoaveis a estudem na sua theoria, e a pratiquem com a consciencia de homens de bem.

Bernardino J. de Senna Freitas.

SECÇÃO LITTERARIA

As Irmãs da Caridade

Em o nosso passado numero, no meio da maior das indignações que podem affligir uma alma christã, stygmatisamos a estulticia atrevida e pedantesca queousara, em face d'uma cidade inteira, insultar uma irmã da caridade. Hoje, impulsionalos pelo mesmo desejo, por este desejo que sempre nos tem animado de defender a virtude ultrajada, damos aos nossos leitores uma prova do amor, da abnegação, da santa caridade que essas heroínas do seculo dezenove dispensam por-toda a parte aos infelizes. Se outros muitos factos não estivessem de ha muito registrados na historia de todos os povos, pelos quaes as irmãs da caridade se tornam dignas da admiração e do respeito devidos a tudo quanto ha de grande sobre a terra, este que vamos narrar, transcripto da *União Catholica*, de Valencia, era de por si só bastante para elevar essas mulheres ao pantheon das maiores glorias; para que a humanidade só tivesse hymnos de louvor que offerter-lhe; para que as turbas se curvassem reverentes á sua passagem; para que as familias, d'onde tivesse sahido uma irmã da caridade, se orgulhassem com justiça; para que todos nós nos regosijassemos por nascermos e vivermos n'um seculo em que a mulher, vestida com o habito da irmã da caridade, e entornando por toda a parte o amor, a caridade, e ensinando a virtude e abnegação se tornou o vulto mais respeitado, mais digno das admirações das grandes almas.

Aprendam d'aqui os que menosprezam ainda essas mulheres, e se podem, apontem-nos alguem, que não sejam ellas, capaz do um rasgo de caridade e amor, como este que vac lêr-se:

«Não ha muitos annos, ainda nos re-

cordamos bem, gemia no leito d'um hospital um homem enfermo, prestes a morrer, mas obstinado, apesar d'isso, em esquecer-se de Deus, e até em blasphemar da sua justiça e em negar sua misericordia.

Ninguem podia chegar á sua beira sem que ouvisse as mais terriveis imprecações ou se expozesse ás consequencias de sua impotente colera. A vehemencia das suas dôres fazia-lhe perder o tino e não tinha para soffrel-as a santa resignação do christão.

Os medicos haviam-lhe receitado uma bebida calmante; mas o infeliz, desesperado pela inefficacia dos medicamentos anteriores, recusava pertinazmente tomal-a, chegando ao auge do furor, quando lha vinham offercer.

Os que lhe assistiam haviam-no desamparado, cansados já da inutilidade de seus esforços.

Mas se todos o abandonaram, o anjo da paciencia, a irmã da caridade, ainda ficou alli.

Com um olhar supplicante e com uma prece nos labios aproximou-se do desgraçado, offerecendo-lhe com caritativa mão aquella poção salvadora. Uma blasphemia horriovel e uma cruel ameaça foi a resposta que obteve. Todavia, ella insistiu.

Mas este homem era um impio, estava desesperado e arrojou com furor o medicamento que se lhe offerecia, ameaçando de novo a indefensa enfermeira. A irmã aproximou-se segunda vez ao leito e segunda vez rogu e supplicou offerecendo ao enfermo o vaso que continha o medicamento trazido de novo. Sua voz era dôce, suas palavras persuasivas, seu olhar cheio de unção e piedade.

—Bebei, disse, bebei em nome de Deus.

E estendeu a mão para levantar-lhe a cabeça com um geito suave e terno como o de uma mãe amorosa.

Então este homem levantou-se severo e irado: injectaram-se-lhe os olhos, batiam-lhe com força os dentes e na exaltação do seu furor tomou de novo o vaso e arrojou-o, não longe de si como da primeira vez, mas á pudibunda face da religiosa.

O liquido cegou-lhe os olhos e molhou-lhe o angelico semblante, resultando do golpe uma profunda ferida; mas nem uma queixa, nem uma reprehensão soltaram seus labios; só uma lagrima triste se lhe viu deslizar pelas faces.

Enxugou pacificamente o rosto e permaneceu no seu posto, limpando depois com um lenço o rosto e as mãos do enfermo, salpicadas e molhadas tambem, com uma sollicitude e um carinho indescriptiveis.

Ao vêr aquelle sangue, ao vêr aquelle gôtta de pranto, o iracundo enfermo

envergonhou-se de si proprio: uma cousa estranha perpassou ante si e seu coração experimentou um sentimento ignoto.

Passado um instante, a filha de S. Vicente fez um ligeiro movimento para retirar-se, e o desgraçado perguntou-lhe rapidamente com voz triste e confusa:

—Retiraes-vos?

—Sim, creio que o vosso agastamento passou e agora talvez...

—Quê? disse admirado o enfermo, vendo o dulcissimo sorriso, que havia acompanhado estas palavras.

—Não vos negareis a tomar agora o remedio, que encerra vossa saude!...

—E... dignaes-vos trazel-o ainda uma vez?!...

—E muitas outras se preciso fôra.

—Mas esse sangue?...

—Daria até a vida para alliviar vosso mal, disse ella com uma voz tão sentida e meiga que fez estremecer todas as fibras d'aquelle coração agitado.

Então, assim como as chrySTALLINAS aguas de uma impetuosa torrente, occultas e represadas por uma camada de grossa terra saltam e trasbordam se não habil rompe de prompto seu forte dique, assim o manancial do pranto, estancado n'aquelle alma por tantos e tantos annos, brotou em copiosa raudal, restituindo-lhe a fé que tinha deixado apagar e a esperanza, que tinha deixado perder.

—Creio em Deus! gritou altim este homem no ange da sua commoção, com voz desentoadada e angustiosa: creio em Deus, e nos santos, e nos anjos, porque vós sois um d'elles! Sim, ha um céo; e de lá viestes vós, porque na terra não ha quem opere estas maravilhas; ha uma eternidade, porque é preciso haver-a para premiar tanta virtude. Oh! não me deixeis, por Deus, não me deixeis, e ensinai-me a esperar, já que me ensinastes a crêr!

Estas palavras eram filhas de um sentimento real e sincero, porque uma hora depois, e cedendo aos desejos do peccador arrependido, Jesus sacramentado descia ao seu peito, purificado já pelo arrependimento e pela contricção.

O que não tinham podido alcançar os mais sabios conselhos, e as mais severas exhortações, conseguiu-o uma unica lagrima e uma só gôtta de sangue.

Deus quiz coroar a obra, devida á caridade e restituiu a saude ao enfermo, que já o invocava esperando na sua bondade.

Este homem vive ainda; hoje em vez de duvidar, espera; ora em vez de blasphemar, e a sua miseria é menos penosa e mais supportaveis suas dôres, por que a oração e a esperanza dão-lhe o maior e mais completo allivio.

THEREZA DE JESUS

POR

D. MARIA DEL PILLAR SINUEZ DE MARCO

TRADUÇÃO DO

P.º LIMA

(Continuado do numero anterior)

Dous dias depois D. Affonso de Cepeda estava sentado em frente de um grupo composto dos mais sabios medicos d'Avila, Salamanca e Valladolid. Já ha muito que estes conferenciavam seriamente; no rosto de D. Affonso traduzia-se uma anciedade mortal.

—E então, senhores, perguntou D. Affonso; que dizeis? Vê-lo a anciedade em que estou: lembrai-vos que é um pae quem espera vossa decisão.

—Na verdade, senhor D. Affonso, disse um dos medicos, não sabemos que dizer-vos; eu, por minha parte, não acho remedio para a doença, que afflige vossa filha.

—Nem eu, acrescentou outro; é tal seu estado de prostração e debilitação, que duvido que se lhe possa dar remedio algum.

Este parecer foi approved pelos outros medicos.

—Pois que, exclamou dolorosamente D. Affonso; não haverá remedio nenhum para essa cruel doença?

—Pelo menos, nós não o conhecemos, responderam os medicos com automaticamente certeza.

—Então devo perder as esperanças de salvar minha querida filha? Hei de vê-la morrer?

—Essa, certamente, é a vontade de Deus.

—Senhores, exclamou consternado D. Affonso: peço-vos que, antes de retirar-vos e de me deixardes só com a minha desesperação, visiteis segunda vez a enferma; pelo amor de Deus, vê se ainda resta alguma esperança e n'esse caso, não a abandoneis; minha fortuna é vossa; dou-vol-a toda, se salvais minha filha.

Os medicos olharam-se mutuamente e depois, seguidos de D. Affonso, entraram no quarto da enferma.

Thereza estava vestida com o habito carmelita e com sua touca branca; só tinha tirado o véo e se tinha sentado n'uma cadeira por não poder estar no leito, descansando assim da anciedade que a molestava.

E já não era a joven bella e folgazã; nem os risos da juventude lhe encrespavam os labios, nem pela mente lhe esvoaçavam esperanças; Thereza assemelhava-se agora a um cadaver, que se erguesse e fugisse do tumulo; os ossos furavam-lhe a pelle; as faces avin-

çadas pela dôr e socavadas pela immensa fraqueza, a bocca flaccida, os olhos encovados e as mãos descarnadas davam-lhe um aspecto tal, que, a não ser o ficarem-lhe ainda alguns vislumbres da sua immensa belleza, causaria espanto.

—Minha filha! exclamou D. Affonso voltando-se para ella, falla, diz o que sentes... o que te doe... o que tens.

Descerrou-se a dupla e rica franja que formavam as pestanas da enferma, entreabriram-se seus labios e tentou falar; mas sua voz era completamente extincta pela debilidade e não se percebeu palavra.

Thereza levou o peito e á cabeça sua debil mão; e oppressa de dôr e de cansaço, fechou de novo os olhos e viram-se-lhe deslizar lagrimas de desalento.

Um momento depois apagou-se-lhe a respiração e ficou immovel com os seus languidos braços estendidos ao longo do corpo.

Os medicos consultaram-se com um olhar e um d'elles atreveu-se a dizer:

—Morreu!

Achava-se alli a irmã mais velha de Thereza, casada já ha annos e que habitava com seu esposo em uma linda casa de campo ou castello situado nos arredores d'Avila; esta, que sempre tinha amado ternamente sua irmã, aproximou-se chorosa e afflicta da que já julgavam cadaver, collou os labios á frente de Thereza e collou-lhe uma das mãos sobre o coração a vêr se o sentia pulsar ainda. Todavia um leve movimento que notou, fez-a levantar vivamente a cabeça.

—Ainda não morreu! disse voltando-se para seu pae e para seu marido, ainda sinto batter-lhe o coração! Ainda ha esperanças!

—Nenhuma, responderam á uma os medicos.

—Ha-as em quanto Deus não apagar o sopro de vida que lhe resta, replicou severamente o marido; antes de tudo, porém, deve administrar-se á enferma a Extrema-uncção para que morra como christã.

Efectivamente, alguns momentos depois, Thereza recebia o ultimo dos sacramentos da Igreja; e de facto o recebeu, porque em tão solemne occasião entreabriu os olhos e soltou um debil suspiro.

Porém no mesmo instante se dissipou aquelle raio de esperança e a enferma tornou a ficar na mesma atonia, semelhando um cadaver.

«Deu-me n'aquella noite—diz a mesma santa ao referir sua vida—um paroxismo, que ostive quatro dias sem sentidos; a cada hora e instante julgavam expirava e recitavam frequentemente o credo como se eu ouvisse alguma cou-

sa; julgaram-me muitas vezes morta que até cêra me puzeram nos olhos; foram muitas as preces que dirigiram a Deus; bemdito seja Elle que se dignou ouvir-as; pois estando já ha dia e meio aberta a sepultura no mosteiro esperando o meu corpo, e feitos os funeraes do estylo, permittiu o Senhor que recuperasse os sentidos; quiz logo confessar-me e communguei, derramando copiosas lagrimas.»

Thereza recuperou, afinal, os sentidos; porém os fortes remedios que em grande dóso lhe haviam dado, deixaram-na tão abatida, que só o vê-la movia á dôr e ao pranto. Parecia começar a sentir algumas melhoras e cobrar alguns alentos, graças aos ternos disvellos da familia, quando sobrevieram novas e acerbias molestias; intumeceu-se-lhe a cabeça, e a garganta e a lingua inflammaram-se-lhe e cobriram-se-lhe de chagas de um modo horrivel e lastimoso.

—«Só Deus podia avaliar os insupportaveis tormentos, que eu soffria, diz a santa em sua *Vida*, instei a que me levassem para o convento, receiosa de morrer fóra d'elle.

De novo mas gradualmente se foram mitigando os graves padecimentos da religiosa; ficou, porém, com uma debilidade tal, que por espaço de tres annos não só não podia andar, mas nem sequer pôr-se de pé, tal era o cansaço e falta de energia depois de tão crueis dôres.

Sempre se julgou, e a experiencia o tem demonstrado, que as pessoas dotadas de grande talento, são tambem dotadas de um caracter aspero e dominante; porém Thereza era o exemplo vivo do contrario; pois, segundo ella mesmo diz fallando de suas inclinações e affectos, preferiu sempre ao seu, o bem-estar alheio; acrescentando que lhe custava tão pouco o comprazer e servir a seus semelhantes, que não devia ter-se como merito, porque o fazia natural e insensivelmente.

Durante sua longa enfermidade e sua dilatada convalescença nunca se lhe ouviu uma queixa: sua conformidade, sua paciencia, a doçura de suas palavras e acções no meio de tão critica situação admiravam e enterneciam a todos.

«Li—diz—a vida do Santo Job, e esta leitura serviu-me de muito para ter paciencia nos meus grandes trabalhos, pois o que eu soffria não me parecia nada, comparado com o que elle soffreu.»

Esta conducta verdadeiramente heroica, esta continua lucta com os instinctos materiaes em que a alma sahia sempre pura e triumphante espalhou-se pela cidade, que começou a dar a Thereza Cepeda o epitheto de *santa*.

Esta chegou afinal a recuperar a sau-

de, se bem que lentamente, como já se disse; mas, ó incansavel crueldade do destino! com ella renasceram as affeições mundanas e sua profunda aversão ao claustro!

A propria santa o confessa com uma nobre ingenuidade; á medida que ia melhorando, assim se lhe iam arrefecendo suas piedosas disposições, voltando de novo a pensar nas delicias do mundo com toda a vehemencia de que sua alma era capaz. Recomeçou aquella lucta terrivel que havia amargurado os mais bellos e floridos annos da sua vida; porque Thereza conhecia muito bem o que convinha a sua eterna felicidade e todavia não podia avassallar o desejo voraç, immenso, que a impellia e arrastava ás pompas e vaidades do seculo.

«Eu não desejo sahir para fóra do convento—escrevia a Soror Ignez, sua amiga no convento das agostinhas, — quero vêr se dentro d'estas santas paredes, ás quaes já estou ligada pelos votos da minha profissão, posso encontrar a tranquillidade que minha alma necessita; feliz és tu, ó minha amiga, porque vives ali com a doce paz de uma consciencia pura! Eu vivo, e talvez viverei sempre mortalmente agou-tada pelo vento das paixões, e não posso, por mais diligencias que faça, reconquistar a tranquillidade que receio ter-me fugido para sempre.»

Effectivamente Thereza sujeitou-se ao mais duro regimen; negou-se até a receber a visita de sua propria familia; fez muitas penitencias; mas sua imaginação era um fogo que a devorava e que apesar de seus esforços não podia apagar.

Cahiú, então, seu pae perigosamente enfermo; Thereza disse que era forçoso ir assistir-lhe, servindo-se assim d'este justo pretexto para libertar-se da clausura, que começava já de novo a ser-lhe intoleravel.

Encontrou seu pae quasi moribundo; mas mesmo assim ao vê-la fez um movimento de admiração dolorosa, que foi para a sança a mais cruel das reprehensões.

Pediú que o deixassem só com sua filha, e depois reprehendeu-a severamente, a primeira vez na vida, por causa da sua injustificavel conducta.

Thereza, aterrada, deixou-se cahir de joelhos junto do leito de seu moribundo pae, e occultou, soluçando, o rosto entre as mãos.

—Se queres que morra tranquillo, prosegueu D. Affonso, promette-me que voltarás para o convento e que jámais te apartarás das regras da tua religião.

—Prometto obedecer-vos, meu pae, logo que Deus vos chamar a melhor vida, respondeu a joven; por enquanto deixai-me tratar-vos e me irei preparando para cumprir vossos desejos.

D. Affonso experimentou allivio por alguns dias: durante elles, observou sua filha e pôde convencer-se de que não observava nenhuma das regras da ordem, e que vestia, comia e fazia tudo, absolutamente, como se fosse secular.

D. Affonso reprehendeu-a de novo, empregando ora rogos, ora severas arguições, e obteve de sua filha a formal promessa de emendar-se e de seguir constantemente á risca a já então suave regra monastica da sua ordem.

Poucos dias depois morreu D. Affonso e Thereza, em cumprimento da promessa, voltou para o convento.

(Continúa.)

A MULHER CHRISTÃ

(FRAGMENTO D'UM LIVRO) ¹

No Evangelho e nas epistolas de S. Paulo acha-se o typo mais ideal que de sua companhia teem conhecido os homens: a mulher, tal como alli se apresenta, é um ente sobrenatural, brindado de todas as virtudes, opulento de amor celeste e de virginal pureza, ente admiravel, enviado do céu para fazer olvidar as tristezas e as amarguras da terra; ente divino, creado para amar e que só no amor pôde cumprir a sua missão providencial; ente puro, innocente, vaso de benção, espelho da alma, arco iris de salvação que enxuga nossas lagrimas e suavisa nossas penas; anjo de formosura, que com a sua presença expelle de nosso pensamento todo o sentimento impuro e todo o instincto leviano, e nos colma de doces e magicas illusões de felicidade ineffavel. A sublime inspiração do poeta, e a elevada intuição do philosopho nunca poderam crear um ideal que se equiparasse á mulher christã.

A mulher christã!... quem a achára! O seu preço é immenso, como o das joias importadas dos ultimos confins dos mares; resplandecente de belleza e virtude, doçura e energia, de ternura e valor, é fortaleza no combate, ancora de salvação no meio do horror da tormenta, fé na incerteza, consôlo na adversidade; com um beijo orvalhado de suas meiguices amansa as iras do malvado; com um pôr de seus olhos claros, castos, serenos, soffrêa o furor das paixões; anjo protectivo do lar do-

¹ Um nosso assignante pede-nos para que tornemos conhecidos alguns capitulos do *Matrimonio*, livro editado pelo mesmo editor da nossa Revista.

Por nos faltar espaço para mais principia-mos hoje a publicação de parte do capitulo vi.

mestico, nas palpitações amorosas de seu coração alberga a familia o calor de seu carinho e a eternidade de seus affectos; seus delectaveis accents são a primeira harmonia que resôa em derredor de nosso berço; suas purissimas mãos de alabastro são as que nos dias da infancia nos indicam o caminho dos céos, e as que encontramos sempre velando fadigas junto ao leito de dôr; e depois da morte, em seu coração é onde por mais tempo se perpetua a memoria da nossa existencia; e suas lagrimas são o orvalho celeste com que vivem as languidas flôres que se debruçam sobre a nossa sepultura. Ditoso, mil vezes ditoso, aquelle que encontrára uma vez em sua vida a mulher christã: ao contemplar o sello divino que sobre a sua limpida frente e doce sorriso imprimira o Evangelho, ao receber o fogo mysterioso da sua olhadura, julgará contemplar uma encarnação viva da virtude, e sentirá em seu peito não sei que inexplicavel sacudimento que fará brotar de sua alma em delirio o desejo vehementissimo de repousar eternamente ebrio de felicidade no seio de outra alma idolatrada.

E quem ao entrar no templo, com a fé na alma e a oração nos labios, não ha encontrado a virgem christã ajoelhada ao pé dos altares, arroubados os olhos no céu, pregadas no peito as mãos fortificando o seu coração contra as tentações do vicio? E ao observar, entre nuvens de incenso, entre as melancolicas harmonias da prece em suas alvissimas e rosadas faces os vivos matizes da innocencia, e a sublime e indefinivel expressão do pudor e da castidade, não ha crido vêr ante seus olhos na virgem incomparavel do Christianismo uma viva irradiação da belleza immaculada da Virgem Maria, e não se ha prostrado a um tempo diante do altar e diante d'aquella creatura divina, ideal, celeste, imagem viva da rainha dos céos? Que discipulo verdadeiro de Christo, não ha contemplado extatico a mãe christã, distribuindo carinhosa a seus filhos, no templo domestico ou junto ao sanctuario, o pão do espirito, o amor e vida da alma, as consolações e as esperanças eternas de sua religião? Como se ensancha o coração ao vêr o sorriso, a candura, a innocencia e a virtude da virgem christã; como o peito se recheia d'amor, de doces e ineffaveis sentimentos ao contemplar o carinho, os sacrificios, a abnegação e as heroicas virtudes da esposa e da mãe regeneradas pela lei do Christianismo!

Sim: a obra mais bella e mais admiravel do Evangelho é por sem duvida a emancipação e dignidade da mulher. Nunca as sociedades apreciarão assás o beneficio immenso que lhes fez o Christianismo ao ensinar-lhes o ideal subli-

me da mulher como virgem, como esposa e como mãe.

Quando appareceu a mulher christã na terra, o mundo ficou maravilhado, surgira de repente no meio das sociedades como um genio bemfazejo, e em presença das suas virtudes os homens crêram por um momento entrever uma d'essas sombras ideaes que vivem tão súmte no mundo dos sonhos; não comprehenderam os prodigios da sua heroica abnegação e das suas admiráveis virtudes. «*Deuses immortaes*, exclamaram os pagãos, cheios de assombro ao vêrem passar pela via publica uma matrona christã, grave e magostosa, serena e altêrosa a frente, vestida de branco linho e dando a mão a seus filhos) *Deuses immortaes, que esposas e que mães as dos christãos!*» Admiravam a virtude, mas escasseavam-lhes o valor para pratical-a.

O meio de que se valêra o Christianismo para dar tanto realce á companhia do homem, foi principalmente o de estabelecer nos livros dos Evangelistas e nas epistolas de S. Paulo os verdadeiros fundamentos da instituição do matrimonio. Declarou que a procreação não é o fim primario do matrimonio; e anathematisou assim todas as leis iniquas que tinham sua origem em erro tão monstruoso. Disse que o amor, e não o deleite, deve ser o fundamento da união conjugal do homem e da mulher; disse que ambos os conjuges são iguaes, que ambos são paes, que é idêntica a sua importancia na familia, embora distincta a sua missão, e fulminou tambem o raio de seus anathemas contra a tyrannia marital, estabelecida em todas as nações do mundo antigo. Disse aos paes que lhes tocava a elles trabalharem por seus filhos, e lançou mesmamente os seus anathemas contra os abusos do patrio poder; cobriu de infâmia o infanticidio; moderou a severidade do patrio poder do pae como a doçura do patrio poder da mãe; e uma vez assente o matrimonio em seus verdadeiros principios, a mulher vira-se respeitada e venerada, o homem conhecêra o encanto ineffavel dos puros affectos de familia, e as sociedades gostaram, pela vez primeira, a felicidade que descança na paz, união e carinho do lar domestico.

Por fim resta-me terminar este capitulo examinando as consequencias benéficas que resultaram para a mulher dos meos a que recorrêra o Christianismo para conseguir o seu triumpho.

Jesus Christo, ao dizer que seu reino não era d'este mundo, que a Cesar se desse o que é de Cesar, expressava que não vinha regenerar as sociedades por meio de sanguinolentas revoluções; nem havia de apresentar a mudança politica de uma fórma de governo, como o meio

seguro de dar aos homens a felicidade. Viu as desigualdades sociaes, a escravidão, a tyrannia, a iniquidade, o egoismo e a dissolução; e não aconselhou ao escravo e ao opprimido que reivindicassem com as armas os seus direitos, mas antes lhes ordenou a resignação e a obediencia, e desarmou ao mesmo tempo o braço de seus oppressores. Não lhes tirou os palecimentos, antes os converteu em actos meritorios de heroica virtude: porque, embora proclamasse a igualdade entre os homens, filhos d'um mesmo pae, embora substituísse o egoismo pelo amor universal, a impiedade pela fé, a tyrannia pela caridade, esperava unicamente o triumpho de seus principios, da força irresistivel da verdade, e não da força das armas ou dos tumultos populares. A religião de Jesus Christo enlêreça-se ao convencimento, rasga ante a consciencia os véos que cobrem a verdade; e como a verdade incomparavel cala irresistivel na consciencia humana, admira e assombra pela singeleza e sublimidade das suas novas idéas, e gera os martyres que sofrem com resignação o tormento, se deixam matar com heroismo, mas declaram ser injusta a sua perseguição.

(Continúa)

SANCHES DE TOCA.

RETROSPECTO DA QUINZENA

SUMMARY: *As eleições—Uma mentira desfeita; os negocios de Roma com a Alemanha em bom caminho; a independencia do Papa.—A Alemanha a cair nas mãos dos ultramontanos; remorsos de Bismarck.—Sentem-se os effectos da lei Ferry; crescem os alumnos nas escolas dos paes; fogem outros para Hespanha; O anniversario natalicio do conde de Chambord.—O casamento do rei de Hespanha; os conventos a erguer-se na vizinha nação.—Um milagre! —O que vae pela America.*

Fizeram-se as eleições de deputados no dia 19 do mez actual, e grande baldardia pôde observar por tal occasião quem, como nós, observou tal batalha do quartel da saude. Cabe ás folhas politicas o descrever as peripecias do combate. Nós, que não somos dos que tomamos parte nos despojos, nem dos que temos de chorar a derrota, só desejamos para bem da patria que é nossa, que todos os representantes do povo satisfaçam bem os seus mandatos e curem das mazellas que desfeiam a nação.

O que não podemos deixar de notar é o numero consideravel de padres que o governo d'esta vez quiz levar ás ca-

deiras de S. Bento. Será isto de bom agouro? Assim o esperamos; ainda que alguns dos padres eleitos são de bico revolto. Comtudo esperamos, porque Deus, que rege os destinos das nações, hade fazer mais que os deputados.

* * *

Os nossos leitores devem ter lido nos despachos telegraphicos e nos noticiarios dos diarios politicos do nosso paiz a noticia de que Sua Santidade Leão XIII estivera alguns dias incognito em Castel-Gandolpho? Pois vamos desmentir essa noticia dizendo que foi uma pura invenção não sabemos de quem nem tão pouco com que fim.

N'uma correspondencia de Roma para o *Univers* de Paris, encontramos desmentir-la terminantemente tal noticia.

Affirmam noticias fidedignas do Vaticano que já mais estiveram em tão bom estado as negociações entre Roma e Berlin.

Humberto, rei, parece que voltou de novo a offerter ao Papa a somma que as camaras haviam votado para tal fim; porém Sua Santidade respondeu que não pôde accetar cousa alguma que signifique o abandono dos direitos da Santa Sé.

Eis a independencia d'um Papa, em meio das necessidades que o cercam!!

* * *

As eleições na Alemanha, a julgar pelas ultimas noticias, foram altamente desfavoraveis ao partido liberal. Dizia ha dias um jornal que se o centro da camara se reunir aos conservadores, o que é provavel, teremos a Camara nas mãos dos ultramontanos.

Já que fallamos da Alemanha não devemos deixar passar a seguinte noticia, que uma correspondencia de Paris dá a um jornal, e que mostra os remorsos, que apoquentam o snr. de Bismarck:

«Diz-nos o snr. Busch que o chanceler, considerado geralmente um homem de ferro, tem momentos de fraqueza e de melancholia: «Bem poucas alegrias tenho conseguido de toda a minha actividade, exclamou elle uma noute; não fiz feliz ninguém, nem a mim, nem a minha familia, nem a pessoa alguma. Tornei muita gente desgraçada. Se não fosse eu, ter-se-iam evitado tres grandes

guerras, não teriam sido mortos 800:000 homi-ens. Tenho de dar contas d'isso a Deus.»

* * *

Em França vae sendo motivo para serios commentarios o resultado obtido pela lei Ferry. Dizia ha dias o *Nigaro* que no collegio dos jesuitas da rua de Madrid, em Paris, devem entrar este anno mais cem alumnos, que nos annos anteriores.

E se dermos credito ás noticias que nos dão os jornaes do reino visinho, é grande a azafama com que se trata o Hespanha de ampliar as proporções dos collegios congreganistas, para receber os filhos da França, que não querem sujeitar-se á lei mais iniqua que jámais se decretara em nome da liberdade.

Enquanto a França republicana assim trata de descontentar a maioria dos francezes, a França tradicional, reunese no castello de Chambord para festejar o 59 anniversario natalicio do seu chefe.

No dia 28 de setembro, vespera do dia anniversario do conde de Chambord, já a cidade de Blois, nas cercanias da qual se eleva o magnifico castello de Chambord, apresentava uma animação espantosa, pela affluencia dos convidados, que chegavam de todos os cantos de França.

Às 12 horas do seguinte dia, as formosas avenidas do parque eram povoadas por uma multidão de pessoas, de todas as classes de sociedade, desde a mais alta e mais antiga aristocracia franceza, até no modesto agricultor da Bretanha.

Depois da missa a que todos assistiram com recolhida devoção teve lugar o banquete annunciado sob as copas frondosas das arvores.

Houveram brindes e fizeram-se discursos entusiastas, reinando entre todos a maior alegria.

* * *

Em Hespanha são tudo preparativos para o segundo casamento do joven rei, que parece estar esquecido já da sua cara Mercedes, por quem tantas lagrimas vertôra.

E' que um cadaver esquece sempre quando uma joven cheia de vida se nos apresenta. E depois 20 milhoes de francos, depositados já no banco de Viena, e novas festas, e honrosas alianças, etc., tudo faz esquecer o passado e viver do futuro, e cuidar do presente.

Em quanto nas regiões officiaes se trata de festas os conventos vão-se povoando de frades, as serras desertas vão sendo povoadas pelos filhos de S. Francisco e o povo principia de sentir os fructos que a tolerancia do governo concede ás ordens religiosas.

* * *

O nosso collega do *Conimbricense* em quem conhecemos uma imparcialidade não vulgar entre os jornalistas portuquezes, dá-nos a seguinte noticia, que não podemos deixar de archivar nas columnas da nossa Revista:

«Meu caro collega.—De visita a um amigo demorei-me dois dias em Villa Pouca de Sernache, e alli tive occasião de presenciar o seguinte facto que me causou estranheza.

Uma velha de mais de 60 annos amamentava uma creança d'um anno na occasião em que eu passava pela porta d'ella.

Perante aquelle espectaculo pouco vulgar parei, e interroguei a sexagenaria, que me disse chamar-se Maria Mathias, viuva, de 62 annos de idade; tivera 4 filhos, dos quaes o ultimo conta 25 annos!

Redobrou o meu espanto, que a pobre velha conheceu, e tratou de me contar a seguinte explicação:

«Ha 8 mezes morreu-me a minha nora, Marianna, vendeira, deixando ao desamparo este meu neto, que então contava 4 mezes e meio.

«O pequeno dormia comigo e era uma dôr d'alma vel-o procurar-me os peitos para mamar. Eu chorava e no meio da minha afflicção pedi á Rainha Santa que me desse leite no peito para o meu neto e como v. vê tenho leite em abundancia com que o alimento ha 8 mezes.»

Aqui tem o meu caro collega o facto que eu vi, e que peço a v. para offerecer no seu jornal ás investigações da sciencia, e á piedade dos devotos da Rainha Santa. — *Tito Vespasiano C. Branco.*»

Como se vê foi uma carta dirigida ao *Conimbricense* e que elle não teve duvida em publicar, affirmando que lhe mereco todo o credito a pessoa que a subscreve.

Por aqui se vê, que ainda ha milagres; o que não ha é muito quem os mereça.

* * *

A America tambem se não pôde dizer que seja livre das sanhas dos com-

munistas, nihilistas, etc. Veja-se a seguinte noticia, que bem mostra o que por lá vae:

«Dizem de Panamá ter rebentado no mez passado uma sedição de communistas em Bucaramanga, Estados-Unidos da Columbia. O alcaide Pedro Collazos, á frente de um bando de maltrapilhos, atacou, saqueou e incendiou os mais ricos estabelecimentos da cidade e entre elles o seu unico banco, matando os que tentavam defendel-os. A cidade esteve quatro dias sobre o regime do terror; muitas familias refugiaram-se nos bosques e outras fizeram barricadas das proprias casas, para se defenderem. O presidente da republica chegou o mais breve possivel da capital Socorro, distante sessenta milhas, com uma pequena força bem disciplinada, e atacou os malfeitores nos seus reductos, destruindo-os, aprisionando uns e matando outros.

Os cidadãos que elles assassinaram eram allemães na sua maioria e entre elles conta-se o consul da Alemanha; as victimas eram cidadãos honrados que pereceram, defendendo as suas propriedades e não foram enterrados senão depois de perseguidos os sediciosos, porque ninguem se atrevia a sahir á rua para levantar os cadaveres.

Um correspondente de Panamá diz que a frequencia de semelhantes tragedias affecta os residentes estrangeiros. A carnificina de Palmira, o saque de Cali; os assassinatos e roubos de S. José de Cucuta, enquanto o sólo era abalado por um terremoto que destruiu a cidade, e ultimamente o massacre de Bucaramanga são salutaes avisos de que o interior d'aquelle paiz não offerece residencia segura aos estrangeiros.

Os portos estão expostos ás represalias das nações cujos vassallos forem ultrajados; mas que importa isso á população de Bucaramanga e do Carthagena? Não tem sentimento algum da responsabilidade que os seus actos podem impôr ao governo.

O que furá a Alemanha a semelhantes ultrages feitos á sua bandeira, n'aquellas paragens longinquoas? A Inglaterra, respeitando as tradições dos seus brios, fiamos que não hesitaria em ordenar uma occupação immediata, ainda que isso custasse sacrificios enormes de dinheiro e que as suas tropas tivessem de se internar consideravelmente pelo territorio, como succedeu com a guerra da Abyssinia.

A attenção de Bismark está seriamente dividida pelas complicações da politica europeia, mas é possivel que elle faça dar a justa reparação aos ultrages recebidos pelos subditos allemães.»

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

I

RESPOSTAS POPULARES ÁS OBJECÇÕES MAIS COMMUNS CONTRA A RELIGIÃO.— *Obra escripta em italiano pelo P.º Secundo Franco, da Companhia de Jesus. Traduzida em portuguez, por José Franco de Spuza. Lisboa, 1879—2 volumes 15000 réis.*

Quando a impiedade se apresenta com ares de pedantesca sabedoria a arreincar ás faces dos catholicos umas certas interrogações a que nem ella sabe responder, um livro como este de que nos vamos occupar, vertido para a lingua portugueza é caso para ser festejado, e para que todos os catholicos se agrupem em volta das livrarias a procural-o.

Um livro que é como um castello fortemente artilhado, e com as bocas dos canhões apontadas ás objecções dos impios, para as fazer em estilhaços aos primeiros disparos; um livro que tem respostas para quantas tonterias tem brotado da cabeça estonteada dos inimigos da Igreja de Christo; um livro que deixará completamente corridos todos esses espadachins de cafés que repetem o que lhes ensinam os mestres sem ao menos saberem, as mais das vezes, qual o alvo a que os fazem mirar; um livro assim, um livro tão a proposito para a época presente, deve occupar honroso lugar na estante de todos os catholicos.

Depois é uma obra sem pretensões a ser lida só pelos doutos. Escripita em estylo corrente sem deixar de ser correcto, está ao alcance de todas as intelligencias: pôde ser lido por todos, desde o estudante de primeiras letras até ao que envorga a capa de quintanista na Universidade; desde o caixeiro de curta instrucção, (onde mais procura adeptos a impiedade) até ao monetario que se repoltreia em fofas otomanas depois de fechada a bolsa; desde a menina de collegio até a dama que se meneia nos mais aristocraticos salões. Todos ali devem aprender, todos ali devem ir munir-se das armas que o padre Franco lhe ministra para se defenderem das interrogações que a ignorancia lhe faz sempre que para isso tem occasião.

Acresce ainda ser uma obra de propaganda, e por isso mesmo barata comparativamente. Mil paginas em 8.º grande por mil réis, é caso que raro se dá entre os editores portuguezes, que muitas vezes, pelo elevado do preço, deixam desconhecidas da maior parte dos

amigos de sãs doutrinas, obras que bem mereciam ser espalhadas.

Agradecendo ao editor o exemplar com que nos brindou, pedimos desculpa de até hoje demorar este nosso juizo, porque só agora nos foi possível concluir a sua leitura. Aos leitores do *Progresso Catholico* recommendamos esta importantissima obra como a mais util, a mais a proposito para oppor aos erros que se ensinam e propagam por todos os modos.

Veja se o annuncio que na capa vae publicado.

II

DICCIONARIO ENCYCLOPEDICO, OU NOVO DICCIONARIO DA LINGOA PORTUGUEZA E BRAZILEIRA. 5.ª edição correcta e augmentada, por D. José Maria de Almeida e Araújo Correia de Lucerda, Lisboa—Francisco Arthur da Silva, editor.

Vae muito adiantada a publicação d'esta 5.ª edição, ou diremos antes, vae adiantada a distribuição, porque o dictionario está concluido.

De todos os dictionarios que modernamente tem sahido dos prelos portuguezes é este por sem duvida o que mais se aproxima dos adiantamentos modernos n'este ramo de publicações. Como dictionario da lingua é talvez o que reune maior numero de vocabulos, e acresce a isto o ser historico, geographico, bibliographico, etc.

A publicação é feita em bom papel e em typo compacto, o que o não leva a exceder a dois volumes, tendo não obstante materia que daria cinco, se fosse em typo grande como se tem já empregado em outros dictionarios.

Apezar de estar concluido recebem-se ainda assignaturas por fasciculos.

III

ALMANAK DA IMMACULADA CONCEIÇÃO. Dedicado ás familias christãs, etc. Lisboa, 100 réis.

Apparece este anno, editado pela livraria catholica de Lisboa, e composto por dois devotos da Virgem Immaculada, este pequeno livrinho de que tanto se carecia em meio de uma infinidade de almanaks que por ahí fervilham, quasi todos mais ou menos civados de más doutrinas.

Além do Calendario traz uma boa colleção de artigos e poesias mui dignas de lèr-se, fechando com um bom numero de tabellas com os preços e horarios dos caminhos de ferro, etc.

Acompanha o volume uma estampa da Immaculada Conceição, magnificamente gravada.

Agradecemos os exemplares com que fomos brindados.

IV

Está em distribuição o fasciculo 16 da *Historia dos Papas*, por Chantrel, composto das ultimas folhas do 2.º volume, e das 6.ª e 7.ª do 3.º

Em breve sahirá o 17.

V

CANTICO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS: para canto e piano, ou orgão, pelo padre M. d'Aguiar (poesia pelo padre M. J. Martins.) Preço 120 réis.

Fomos mimoseados pelo seu auctor com dois exemplares d'esta bonita composição musical, que muito agradecemos. A poesia é d'um mimo bem digno de ser offerecida ao SS. Coração de Jesus.

A's nossas leitoras que teem piano, que costumam fazer tremor o teclado d'esse mavioso instrumento ao contacto de suas mãos, recommendamos esta pequena composição, bem certos de que nos darão os seus emboras por tal lembrança.

VI

THEOLOGIA MORAL, POR PEDRO SCAVINI, versão portugueza.

Temos presente o 1.º fasciculo d'esta obra, que agradecemos aos editores, reservando-nos para fallar d'ella mais de espaço.

Aos que assignaram esta obra por meio da administração d'este jornal deve já ter sido enviado este 1.º fasciculo, e continúa ainda a distribuição.

A. TEIXEIRA.

EXPEDIENTE

Rogamos a todos os nossos assignantes, que bajam de fazer alguma reclamação, ou que mandem a importancia da sua assignatura, ou queiram fazer alguma alteração na mesma, nos mandem sempre uma das cintas em que vae envolto o jornal: por isso que não sabendo nós o n.º do assignante se nos torna impossivel achar o nome entre tantos e teremos de deixar por cumprir o que se nos ordenar.

TEIXEIRA DE FREITAS.